

Cineasta paulistano

JOSÉ INÁCIO DE MELO SOUZA

Nasce uma Mulher - Direção e Argumento: Roberto Santos. Roteiro: Roberto Santos e Amílcar Monteiro Claro. Fotografia: Zetas Malzoni. Câmera: Zetas Malzoni e Roberto Santos Filho. Cenografia: Marlene Maciel Barbosa e Angela Maciel Barbosa. Figurinos: Luiz Fernando Pereira. Montagem: Maria Inês Villares. Música: Walter Santos. Som: Marian Van De Ven. Elenco: Marlene França, Dani Patarra, David José, Flávio Portho, Denoy de Oliveira, Miriam Muniz, Liana Duval, Ruthinéia de Moraes, Dirce Militello, Juliana Carneiro da Cunha. Produção: Roberto Santos Produções Cinematográficas Ltda. Distribuição: Embrafilme. Duração: 1h37. 1983.

Já assisti a alguns filmes de Roberto Santos. Nos meus verdes anos emocionei-me com *A Hora e A Vez de Augusto Matraga*. Puro prazer, pura emoção. Nunca mais o revi. Depois foi *O Grande Momento*. Salvo engano isso se deu na pequena rateira do antigo cine Belas Artes onde estava alojada a Sociedade Amigos da Cinemateca. As sessões da SAC eram um mel. Ali, entre muitas fitas, descobri/redescobri Chaplin, Stroheim, Ford (John), Rocha, retrospectivas de filmes nacionais. Quase no final de sua carreira como sala projetou-se *Zé-zero* de Candeias. Estudante temporão eu marcava mais presença dentro da sala da SAC do que na de aula. Também foi por esta época que vi *Vozes do Medo*, no Maracachá. Não era o filme do meu Roberto Santos.

Embora na reserva ainda estava encharcado do espírito da Rua Maria Antonia. Não reconhecia nas imagens de *Vozes do Medo* ou de *São Bernardo* alento, pão, esperança para o dia que viria. Para alguns a juventude é uma forma de cegueira.

Após um largo espaço de tempo revi um filme de Roberto Santos: *Nasce uma Mulher*.

Todos nós lutamos com nossos fantasmas, obsessões, zonas penumbrosas que se avultam em madrugadas insones. Roberto Santos possui os seus e com eles se debate. Apreciando o memorabilíssimo último rolo de *O Grande Momento* concluo que seu debate deve ser diário e intermitente. Seu material quotidiano de análise uma amálgama de pequenas tramóias, mesquinhas vitórias, tapas na cara, agulhadas na chaga. Seu pal-

co balzaqueano é a cidade de São Paulo assim como Machado e Marques Rebelo utilizaram-se do Rio. Sua malícia, sua dissimulação caipiras espreitam a burguesia baixa ou ascendente, as mulheres fortes, mais fortes que homens, o burlesco e o trágico da família. Pinço de uma velha *Filme Cultura* (1971) a seguinte resposta numa entrevista: "Há uma enorme tensão entre um casal. Os dois brigam. O vento que entra pela janela torna o ambiente mais nervoso. O marido, já neurastênico, vai descer o vidro da janela. Desce com força. A gravata fica presa, ele não percebe e tamborila a janela. No momento de se afastar, não pode — como um cachorro numa casinha de fundos de quintal. Aí, a discussão explode, violenta, amarga, cheia de acusações recíprocas." 1958, data de *O Grande Momento*, está longe mas não tão longe de 1971 e muito perto de hoje, 1983.

Nasce uma Mulher é isso. A gente senta, o filme corre na bobina e pela tela escorrem gota a gota os dramas de um apaixonado pela vida paulistana. A cidade cresceu desde 1958. Quem morava na Mooca ou Brás mudou-se para os novos bairros aburguesados de Brooklyn, Moema ou Santo Amaro. Possuem agora cartão de crédito em vez de caderneta no armazém, *shopping* no lugar de venda, fogão de 6 bocas substituindo a velha espiriteira. Zeca passou a José; as paredes que tremiam nos bafafás familiares cobrem-se de solidez. O casazinho pequeno-burguês cujo único capital eram dívidas e um dia de prazer em Santos numa pensão de 3ª (pleonasma, escreveria o Tavares), evoluiu para uma quinzena em Nova York aproveitada, seja dito, nos falazes tempos do milagre. As promissórias continuaram. A família cresceu imperando a Santíssima Trindade: José + Helena = Joselena. No horizonte de Zeca havia um pequeno negócio, uma oficina, talvez até uma fabricqueta de fundo de quintal cujo proprietário desta vez não seria Otelo Zeloni. José no entanto é um assalariado, Mas um bom salário pois é um *Publicitário*. A mulher é a Mãe. Lembra um pouco a minha/a sua nos seus cacocetes, na beleza em decadência, na agressividade de quem não mordeu o lado bom da vida. Há ainda uma jovem e seu aniversário de 16 anos. Tudo muito pulcro, tudo muito digno.

Roberto Santos apodera-se de um dia a manhã seguinte dessa gente. Sua câmara detém-se em cada detalhe da construção do aniversário, a luz usada impede a ocorrência de zonas escuras, seu roteiro é claro e reto. Tudo é exposto para ser visto, medido, sentido e pesado. Creio que nada me impede de supor uma aproximação com o Fellini de *La Dolce Vita*, atenuada pela doçura do olhar de Roberto, por certo.

O centro da fita é a festa. O diretor sabe que a festa burguesa há muito deixou de se entender como festa para significar um capítulo a mais dentro da representação, da aparência e da repetição. O mundo da burguesia persegue o equilíbrio, a realidade doméstica domesticada. A direção investe fundo na desarmonização

das pequenas emoções, dos mínimos fatos dessa mais e mais diminuta parcela da população. A representação que faz da vida encontra em Roberto um demolidor. Esclarecedora é a seqüência do frustrado abandono do lar pela Filha com a câmara Super-8 do Pai montando e moldando inteiramente a realidade, domando sensações, aplainando contradições. Pelo menos até o dia seguinte o Pai consegue a harmonia, torna factíveis as mentiras. Invenção inútil já que Roberto Santos passa constantemente o bisturi por feridas mal-fechadas. Haja esparadrapo para tantas seriedades abaladas, rostos embriagados, pernas femininas sobre masculinas, estetoscópios libidinosos.

Acima da aparência, da representação, a burguesia gosta mesmo é de repetir-se, iniciando pelo aniversário que há 16 anos glorifica a ascensão da Filha na trindade familiar — pequeno monstinho de carnadura saudável. O ritual continua pela visita anual das irmãs da antiga escola de Jô; segue por buquês de flores “espontaneamente” enviados pelo pessoal da agência de publicidade; envereda pela maquiadora, insubstituível na elaboração da beleza da Mãe. Sob escadas acompanhando a Mãe na investigação das bolsas das mulheres visitantes — e por elas conhecida — em busca do Inimigo: as pílulas anticoncepcionais. Desloca-se, finalmente, para a sala no momento do atraente e repulsivo carrossel de *slides*, quando Mãe e Filha confrontam-se. Uma desfia quadro a quadro o rosário da inveja, do ciúme e do desamor, presenciando ante seus olhos o florescimento de uma carne jovem como nos ilustrativos documentários sobre a natureza de Walt Disney. Aquele maldito espelho será o abismo onde mergulhará ante

sua impossibilidade de atrair o desejo do Pai. O último *slide* virá com a menopausa, o não-desejo. A outra assiste fascinada ao seu nascimento e crescimento. Fisicamente nasce uma mulher, atraindo os machos a quem o Pai impedirá a aproximação (“ela não é para o seu bico”, adverte), para erigir, solitário, graças à Kodak, o altar do desejo incestuoso.

Roberto Santos conduz a história de maneira morosa, quase pacífica, até a hora do bolo. Aí explodem acusações ácidas, ressentimentos guardados, pressentidas violências. Nesse momento fecha-se o círculo do Senhor e abre-se o da luta pessoal de Jô com o namorado.

Roberto Santos desmascara nas seqüências finais os objetivos ou a falta do “jovem brigador” chamado Nando, o denunciador dos aburguesamentos, ele próprio um. Contrariando aquele Pai embrionário, Jô resgata o seu ego de uma sorte danosa — assim ensinava La Kolontai —, trazendo-o de volta ao seu corpo e ao seu desejo.

A teleologia em Roberto Santos parece desembocar no feminino, se é que eu posso me expressar desse modo. Isso me leva a pensar que a visão *gauche* de Roberto há uns tempos atrás me desagradaria. Ainda hoje a desesperança, a insensibilidade e a anarquia chocam-se com *Nasce uma Mulher*.

A Rua Maria Antonia desapareceu. Dou meu voto de esperança a Roberto Santos.

JOSÉ INÁCIO DE MELO SOUZA é pesquisador e crítico



Dimitri Lee

Miriam Muniz e Dani Patarra em *Nasce uma Mulher*: pequeno monstinho de carnadura saudável.